

“JOIAS PARA A CORÔA DO MESTRE”: L. M. BRATCHER E OS DISCURSOS SOBRE A NECESSIDADE DE SALVAÇÃO DO SERTÃO ATRAVÉS DO PROTESTANTISMO BATISTA

"JEWS FOR THE CROWN OF THE MASTER": L. M. BRATCHER AND THE DISCOURSES ON THE NEED OF SALVATION ON THE WILDERNESS THROUGH BAPTIST PROTESTANTISM

*Paulo Julião Da Silva**

*José Roberto De Souza***

RESUMO

O objetivo do presente artigo é a análise dos discursos produzidos por L. M. Bratcher e divulgados nas páginas d' *O Jornal Batista*, mostrando os resultados de sua viagem realizada em 1935 pelo interior do país. A referida viagem tinha como principal meta a expansão evangélica para as regiões descritas nos textos em questão. Em suas descrições, o referido missionário procurava sensibilizar seus leitores acerca das futuras missões a serem implantadas entre os sertanejos na Amazônia. Eram usados interdiscursos relacionados a avivamentos, heroísmo, liberalidade e disponibilidade com o objetivo de angariar recursos

* Doutor em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP-2016). Como parte do doutorado realizou o Estágio de Pesquisa no Exterior (sandwich), como Pesquisador Visitante Júnior na The University of Texas at Austin, entre março e junho de 2013, tendo sido financiado pela FAPESP. É professor de História e Geografia na ESCOLA MONSENHOR ARRUDA CÂMARA (SEDUC-PE); e de História da Educação no Brasil, História Geral da Educação, Fundamentos da Educação e Filosofia da Educação I no Centro de Educação da UFPE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5895962434614480>. E-mail: pauloemac@gmail.com.

** Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Atualmente é coordenador do Departamento de História, e professor de História da Igreja, no Seminário Presbiteriano do Norte. É Membro-Pesquisador dos Grupos de Pesquisas: Religiões, Identidades e Diálogos (UNICAP); História das Práticas Educacionais (UNIT); e do Laboratório de Estudos da História das Religiões - LEHR (UPE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6613894140812704>. E-mail: revjoseroberto@gmail.com.

humanos e financeiros para os projetos que estavam sendo desenvolvidos pela Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira. Faremos uso de uma análise expositiva e descritiva, narrando os eventos que eram relatados em seus diários, observando os contextos histórico, político e religioso no qual Bratcher estava inserido. Espera-se que este trabalho contribua com as discussões em torno da expansão missionária protestante no Brasil dentro dos campos analíticos da História e Ciência das Religiões.

Palavras-chave: Bratcher – Missões – O Jornal Batista

Abstract: The objective of this article is the analysis of the speeches produced by L. M. Bratcher and published in the pages of the *O Jornal Batista*, showing the results of his trip in 1935 in the interior of the country. This trip had as main goal the evangelical expansion for the religions described in the texts in question. In his descriptions, the said missionary sought to sensitize his readers about the future missions to be implemented among the sertanejos in the Amazon. Interdiscourses related to revivals, heroism, liberality and availability were used in order to raise human and financial resources for the projects being developed by the National Missions Board of the Brazilian Baptist Convention. We will use an expository and descriptive analysis, narrating the events that were reported in his journals, observing the historical, political and religious contexts in which Bratcher was inserted. It is hoped that this work will contribute to the discussions about Protestant missionary expansion in Brazil within the analytical fields of the History and Science of Religions.

Keywords: Bratcher - Missions – O Jornal Batista.

1 INTRODUÇÃO

No ano de 1940, a Junta de Missões Nacionais (JMN) da Convenção Batista Brasileira (CBB), na pessoa de seu Secretário Correspondente, Lews Malen Bratcher¹, definiu a evangelização dos sertanejos como seu principal foco de ação. Até então, a maioria das missões realizadas entre essas pessoas eram independentes, não estavam ligadas a nenhuma liderança nacional e, em muitos casos, o trabalho não era permanente, uma vez que os missionários independentes, por fatores climáticos, condições precárias de trabalho, falta de recursos humanos e financeiros, não davam

¹ L. M. Bratcher nasceu no dia 11 de junho de 1888, em Black Rock, Kentucky, Estados Unidos. Aos quatorze anos professou publicamente a sua fe tendo sido batizado em uma igreja batista que havia próximo a sua casa. Aos 19 anos matriculou-se no Georgetown Baptist College, onde deu início aos estudos teológicos. Em 15 de junho de 1915, casou-se com Artie Amanda Potter e, pouco tempo depois, transferiu-se para Louisville, onde concluiu o seu curso em teologia. Em 1918 apresentou-se a Junta de Richmond (Organização missionária pertencente a Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos) e foi nomeado missionário para trabalhar no Brasil. A chegada a cidade do Rio de Janeiro ocorreu em 5 de fevereiro de 1919. Desde então exerceu diversas atividades no país, sendo a principal delas a de Secretário Correspondente da JMN da CBB, cargo que ocupou de 1926 até 1953, ano de sua morte (SILVA, 2016).



continuidade nas missões que tentavam abrir no desconhecido sertão². Vale destacar que, desde o ano de 1926, a JMN procurou dar prioridade à evangelização dos indígenas, pois afirmava que a salvação do Brasil deveria começar pelos *primeiros* brasileiros.

Porém, mesmo tendo a “salvação” e a civilização dos indígenas como o principal foco de atuação evangelística de 1926 a 1939, vários missionários, ou mesmo líderes da denominação batista³ no Brasil afirmavam que os sertanejos, principalmente os que habitavam a região que compunha a floresta Amazônica, necessitavam de uma maior atenção por parte das lideranças da CBB. Discursos e apelos eram publicados nas páginas d’*O Jornal Batista*, os quais procuravam sensibilizar os membros da denominação a investirem, orarem e se colocarem a disposição para abrir campos missionários entre os sertanejos. É interessante perceber que, ao mesmo tempo em que o Estado mostrava preocupação com os habitantes do interior, os discursos sobre a necessidade de evangelização dos sertanejos se tornaram mais frequentes entre as lideranças da JMN. Não se pode afirmar que as questões políticas e sociais do período foram as únicas causas do interesse missionário batista no sertão. Porém, a partir do momento em que Getúlio Vargas começou a mostrar preocupação com a situação dos sertanejos que migravam para as grandes cidades do país fugindo das diversas

² De acordo com Isabel Cristina Martins Guillen, o “sertão foi uma categoria usada recorrentemente para designar as terras do interior do Brasil, partindo-se do pressuposto de que se tratava de paragens ignotas e desocupadas. Desintegradas do restante do país, eram tidas como terras que ainda precisavam ser colonizadas. Enquanto categoria homogeneizadora, sertão esconde uma multiplicidade de formas de ocupação, que vão desde as fazendas de criação de gado pelo sertão nordestino, passando pelas regiões de garimpo em Mato Grosso até o extrativismo de drogas do sertão pelo interior da Amazônia” (GUILLEN, 1999, p. 148).

³ Em alguns momentos utilizar-se-á o termo *protestante* como indicação das igrejas que no Brasil se denominam evangélicas. Em bibliografias de autores denominacionais, como teólogos e historiadores, ou mesmo em literaturas mais antigas, costuma-se dividir os protestantes entre históricos (calvinistas, em sua maioria), pentecostal e neopentecostal. Os batistas, para tais autores, entram em um grupo que se autodenomina/denominavam evangélicos, os quais muitos deles não se consideravam protestantes por afirmarem ter realizado o seu movimento muito antes das Reformas Religiosas do século XVI. Em alguns casos chegam a afirmar que descendem de São João Batista que teria vivido no século I da Era Cristã (MENDONÇA, 1990). No presente artigo será utilizado a categoria protestante se referindo de maneira geral a todas as igrejas surgidas dentro do movimento reformista que se iniciou a partir do século XVI e que perdurou até o século XIX (metodistas) e teve desdobramentos no século XX com os pentecostais. Percebe-se que muitas vezes as literaturas que dividiam esses grupos em categorias faziam de forma pejorativa para separar o EU do OUTRO (SILVA, 2010). As análises se concentrarão nos batistas da Convenção Batista Brasileira, em documentações como periódicos e cartas da referida denominação evangélica, analisando seu processo de expansão à nível nacional e usando como exemplos cartas, artigos e bibliografias que tratam da temática, mesmo com igrejas de outras denominações, nos serão de grande importância, pois elas nos ajudarão nos debates ao longo do texto aqui apresentado.



crises enfrentadas por causa da seca, o principal veículo da denominação intensificou sua propaganda em prol da evangelização dos sertanejos, principalmente dos migrantes nordestinos.

Um desses eventos que corrobora com a hipótese acima se deu com a seca que assolou boa parte do sertão do Nordeste no início da década de 1930. Milhares de pessoas migraram para as grandes capitais do país, gerando um caos urbano provocado por um grande número de flagelados que circulavam pelos centros de cidades como Recife, Fortaleza, Belém, Manaus e São Paulo. Procurando amenizar a situação, Getúlio Vargas tentou manter os sertanejos em suas respectivas localidades. O presidente afirmava que iria dar as condições de subsistência para que aquelas pessoas não precisassem migrar para as cidades do litoral. O mar iria *virar sertão* e os sertanejos viveriam satisfeitos no local em que amavam e que estavam acostumados (LIMA FILHO, 2000).

Contudo, a estratégia acima se mostrou ineficiente. Vargas, então, começou a incentivar a migração dessas pessoas para regiões ainda não colonizadas, como forma de desafogar a superlotação nas capitais citadas⁴. A Amazônia brasileira (que incluía todos os estados que hoje compõem a região norte, partes do Maranhão e do Mato Grosso) foi o destino de vários sertanejos que eram atraídos por uma propaganda que mostrava a possibilidade de habitar em uma região com água abundante e terra fértil (NEVES, 2001).

Percebendo a importância que os habitantes do interior do país passariam a ter para as pretensões políticas, sociais e econômicas do presidente Getúlio Vargas, L. M. Bratcher, “com a esperança de interessar ao povo Baptista Brasileiro na evangelização, não só dos indios como também de todo o povo do Sertão [...]”,

⁴ É interessante perceber que alguns desses migrantes eram protestantes batistas que habitavam as regiões atingidas. Athur Ribeiro Sobrinho, missionário que atuava no sertão da Bahia, lamentava a situação, uma vez que a fome causada pela grande seca que assolava a região fez com que vários membros migrassem para outras localidades em busca de uma melhor condição de vida. SOBRINHO, Arthur Ribeiro. Campo sertanejo: Igreja B. da Cidade da Barra – Bahia. *O Jornal Baptista*, Rio de Janeiro, p. 13, 02 fev. 1933. Antonio A. Viegas também lamentava a perda de vários membros das congregações pelas quais era o responsável. Centenas de pessoas estariam deixando suas casas, suas terras, suas famílias e conseqüentemente suas igrejas e partindo para as capitais citadas acima. Viegas também lamentava o fato de não poder se deslocar entre todas as congregações, pois as viagens eram realizadas a cavalo e naquela situação eram impossíveis de ser feitas (VIEGAS, 1933, p. 13).



procurou incentivar a JMN, bem como novos missionários, a se interessarem pela evangelização de áreas até então “desconhecidas”. Segundo Bratcher, os batistas precisavam migrar para o “[...] sertão para levar a luz do Amor de nosso bemdito Salvador e procurar outras joias para sua corôa” (BRATCHER, 1931, p. 11, 12).

O Dr. Benício Leão, outra liderança batista nacional atenta ao contexto histórico que o país estava passando, fez um pedido às lideranças presentes na Reunião da Convenção Batista Brasileira em 1932, para que voltassem suas atenções para a região amazônica. A densa floresta estava chamando “[...] a atenção dos capitalistas, provocando iniciativa dos industriaes e mesmo do governo da União, e a do romanismo, pois a solução dos seus problemas, o desenvolvimento dos seus infinitos recursos naturaes, que são verdadeiros thesouros, constituirão fontes inesgotaveis de trabalho, progresso e civilização” (LEÃO, 1932, p. 6). Diante da situação apresentada, levantava os seguintes questionamentos: “Qual será, neste caso a oportunidade dos Baptistas na geração presente, em uma área tão dilatada de territorio? Qual o trabalho de 14 igrejas, numa vasta região de 1.897.020 kilometros quadrados aproximadamente?!” (Ibidem). O missionário afirmou que a evangelização da Amazônia deveria estar entre as prioridades da denominação, uma vez que a Igreja Católica já tinha percebido o potencial evangelístico do local e intensificado suas missões na região, principalmente entre os imigrantes nordestinos e entre os indígenas.

No ano seguinte, L. M. Bratcher mostrava que havia diversas “zonas neutras”⁵ no interior do Brasil que necessitavam de investimentos para que a obra missionária se expandisse. Comunidades ao longo de rios navegáveis (Tocantins, São Francisco e alguns na Amazônia), com acesso relativamente fácil, estavam à espera de missionários e de pessoas que se dispusessem a “levar o Evangelho” e expandir o protestantismo pelo interior do país. Bratcher afirmou que os batistas deveriam pensar “com carinho” em abrir trabalhos para evangelizar os sertanejos que habitavam tais regiões. Pedia aos membros da denominação que orassem, contribuíssem e se colocassem a disposição para ser um missionário em uma das comunidades que aos

⁵ As zonas neutras descritas por Bratcher eram locais que não possuíam missões de nenhuma denominação protestante. Em alguns casos essas regiões também não tinham contato com nenhuma missão católica.



poucos iam sendo descobertas. Só assim os batistas cumpririam o objetivo de alcançar toda a Pátria para Cristo, lema da CBB desde o ano de 1927 (BRATCHER, 1933, p. 7, 14).

A. Antunes Oliveira mostrou a região amazônica como um solo fértil, mas que dava poucos frutos por não ter muitos ceifeiros para cultivá-lo. O interdiscurso (ORLANDI, 1998, p. 30, 31) bíblico foi utilizado para sensibilizar missionários e investidores a migrarem para a região com o objetivo de evangelizar nativos e imigrantes que chegavam a todo o momento em busca de uma melhor condição de vida. Por que não aproveitar o contexto e se investir na evangelização de tais pessoas (OLIVEIRA, 1938, p. 10, 11)?

Oliveira lembrava que a região possuía missões batistas, inclusive internacionais, mas que realizavam trabalhos independentes e não tinham pretensões expansionistas. Os missionários chegavam a uma comunidade, evangelizavam, batizavam, organizavam uma congregação, mas raramente permaneciam por muito tempo por questões diversas (doenças, falta de recursos, precariedade nas condições de alimentação, de higiene etc.). Na maioria dos casos, após a partida dos missionários, as pessoas acabavam abandonando a fé protestante. Oliveira também criticava essas missões por não se filiarem à JMN e por não entenderem o “espírito denominacional” batista brasileiro (OLIVEIRA, 1937, p. 15).

O pastor Valdir Lobo era outa liderança que se dizia preocupado e pedia urgência da denominação batista na evangelização dos sertanejos nordestinos. Segundo Lobo, os habitantes do interior do Nordeste que migravam para outras regiões traziam consigo o fanatismo religioso, “impregnado” na “mente e nos corações”. O referido pastor afirmava que o “Evangelho corrompido” pregado pelos católicos ao longo dos anos teria gerado falsos líderes religiosos na região.

Oh! fanatismo estúpido e desgraçado. Fanatismo que gerou um Antonio Conselheiro e um “meu padrinho padre Cicero”. Fanatismo que faz muito matuto crer em “mula de padre” e em “caipora”. Afinal de contas, esplendidas contribuições para o nosso “folk-lore” (LOBO, 1938, p. 11).



Pedia que os batistas mostrassem patriotismo e que “socorressem essas almas” que estavam migrando para o interior do Amazonas. “Os nossos sertões estão abertos ao Evangelho puro de Jesus Christo. O nosso povo não quer mais o evangelho adulterado e clericalista de Roma” (Ibidem)⁶.

Analisando os discursos acima, percebe-se que lideranças missionárias batistas viam na evangelização dos sertanejos um caminho para a inserção protestante no interior do país. Nesse sentido, em 1935, a Junta de Missões Nacionais resolveu enviar L. M. Bratcher para fazer uma viagem de reconhecimento dos territórios que pretendia abrir novos campos de trabalho. O missionário viajou por diversas cidades e regiões, realizando pregações, catalogando animais, plantas e recursos naturais que poderiam gerar alguma renda, descobrindo postos de trabalho onde estavam concentradas populações de nativos e imigrantes, identificando comunidades de índios e sertanejos etc.

A seguir serão descritos e analisados os diários das viagens realizadas por L. M. Bratcher pelo interior do Brasil (território Amazônico) no ano de 1935, que tiveram como objetivo traçar métodos de evangelização dos sertanejos, principalmente nordestinos que migravam para outras regiões do país. As viagens foram realizadas em contextos distintos, acompanhando discursos e ações políticas estatais. A finalidade, segundo as lideranças da CBB, era consolidar o projeto Pátria para Cristo convertendo os sertanejos brasileiros ao protestantismo batista.

⁶ Esse discurso de falso cristianismo que destruíra os “corações sertanejos” era uma constante entre as lideranças da JMN que desejavam sensibilizar novos missionários e ofertantes com a causa da expansão batista para o interior. Ao fazer uma descrição de uma viagem realizada pelo sertão de Goiás, L. M. Bratcher afirmou que o local era dominado pelo catolicismo e por essa razão vivia em completo atraso e abandono. Os padres ameaçavam de excomunhão aqueles de alguma forma entrassem em contato com um protestante. Segundo Bratcher, os batistas precisavam expandir sua missão para o interior do país antes que ele fosse tomado pelo catolicismo romano (BRATCHER, 1932, p. 6, 7).



2 “PODERIA EU TRAZER A MENSAGEM DE SUAS NECESSIDADES, DE TAL MODO QUE OS BAPTISTAS BRASILEIROS OUVISSEM O APELLO QUE LHES DEVERIA CHEGAR DAQUELLES CORAÇÕES TRISTES, PERDIDOS NA TREVA DO PECCADO?”: OS RELATOS DE VIAGEM DE L. M. BRATCHER.

As viagens de L. M. Bratcher pelo território Amazônico iniciaram em fevereiro de 1935. Segundo o missionário, o plano principal era traçar metas para a implantação de missões permanentes entre os habitantes do desconhecido sertão. Os textos, que eram publicados nas páginas d’*O Jornal Batista*, traziam o cotidiano das questões logísticas, culturais e sociais sobre o significado dos lugares desconhecidos a serem desbravados. O missionário ter esperança “[...] que estes artigos tragam de novo ao nosso povo a importancia dos trabalhos da Junta de Missões Nacionaes e a necessidade que todos os Baptistas têm de ajudar com as suas offertas e orações” (BRATCHER, 1935g, p. 12). O relato foi dividido em duas grandes partes, as quais serão apresentadas a seguir.

A estratégia de publicação do diário de viagem de Bratcher em forma de artigos nas páginas d’*O Jornal Batista* foi bem pensada pelas lideranças da JMN. Micheline Reinaux (2007) lembra que o periódico era importante na propaganda dos trabalhos de evangelização, uma vez que os missionários apostavam no poder da palavra impressa para a difusão do pensamento protestante no país. Essa difusão se daria tanto entre os conversos, quanto entre os não-convertidos. No início, os missionários compravam espaços em jornais laicos, mas logo passaram a produzir seu próprio material. *O Jornal Batista* foi importante nesse contexto, pois desde 1901, ano da sua fundação na cidade do Rio de Janeiro, se consolidou como o principal veículo de comunicação da denominação servindo “[...] para evangelizar os não-crentes, instruir os crentes e defender a Causa batista” (PEREIRA, 2001, p. 135).

Segundo Anna Lúcia Collyer Adamovicz (2008), os missionários batistas perceberam a importância de uma publicação de caráter nacional para viabilizar o crescimento qualitativo e quantitativo das igrejas. *O Jornal Batista* seria essencial como estratégia de evangelização (uma vez que não era possível ter um missionário com formação em todos os lugares) pelo aprofundamento do conhecimento bíblico dos conversos e por trazer informações de caráter secular, mas com interpretações cristãs,



principalmente batistas. *O Jornal* era um formador de opinião, e possuía, no contexto estudado, grande credibilidade entre as congregações batistas. Nos anos 1920, a tiragem do periódico atingiu a marca de um exemplar para cada três membros oficiais da denominação⁷. Relatos dos progressos e das dificuldades das missões faziam parte das redações do periódico, os quais objetivavam angariar recursos para os trabalhos a serem realizados. De acordo com Adamovicz (2004, p. 2):

O Jornal Batista refletia o pensamento destes preceptores que procuravam superar as adversidades encontradas neste campo missionário (seja no setor educacional ou em seu programa de publicações) e os seus idealizadores mobilizaram-se no sentido de angariar recursos materiais e humanos para assegurar o êxito de um projeto editorial [...].

Os missionários procuravam convencer os leitores que os habitantes do interior necessitavam de um trabalho batista. Quando possível, os progressos obtidos com a evangelização nas comunidades em que o trabalho batista estava implantado também eram divulgados no periódico. Além disso, *O Jornal* foi utilizado como um espaço para justificar e relatar os progressos e fracassos das missões da denominação espalhadas pelo país. Nesse sentido, a JMN não mediu esforços para divulgar tudo aquilo que dizia respeito aos trabalhos que desenvolvia e, no contexto analisado nesta tese, priorizando as atividades realizadas no interior do Brasil⁸.

Vale ressaltar que, além de influenciado por uma série de discursos políticos, literários, religiosos e científicos sobre o interior brasileiro, Bratcher também era um protestante norte-americano branco, com uma bagagem cultural construída durante toda sua formação. Desde a chegada dos primeiros missionários norte-americanos, as concepções religiosas dos batistas, mesmo que em alguns casos gerassem controvérsias, foram dirigidas por aquilo que havia sido elaborado como ideal para a

⁷ Em 1930, as igrejas batistas filiadas à Convenção Batista Brasileira alcançaram a marca de 40.500 membros. Nesse sentido, calcula-se que a tiragem de *O Jornal Batista* chegava a 13.500 exemplares semanais (FEITOSA, 1978).

⁸ Mesmo com todas as dificuldades de publicação, circulação e manutenção dos periódicos, as diversas denominações protestantes existentes no Brasil nesse período entendiam que valia a pena investir na divulgação de suas ideias entre os leitores, principalmente para que eles se interessassem pelo desenvolvimento do trabalho missionário. As denominações protestantes se preocuparam em disseminar os periódicos nas regiões mais remotas, contando com o auxílio de missionários, pastores e fiéis. Além disso, tentavam vender exemplares em livrarias, bancas de jornal, farmácias e outras lojas que, possivelmente, tivessem um grande fluxo de pessoas (REINAUX, 2013).



sociedade norte-americana. Os discursos eram construídos dentro de estruturas, valores e conceitos norte-americanos. As percepções acerca das pessoas que moravam no sertão foram construídas historicamente através das diversas experiências pelas quais passou (SOUZA, 2008). As palavras de Bratcher não eram de um ser isolado, mas representavam a voz de uma instituição e de uma denominação religiosa. Mesmo que houvesse em seus discursos traços de uma religiosidade individual, suas concepções estavam inseridas dentro de um contexto de coletividade e de institucionalidade.

No primeiro relato sobre a viagem realizada pelo “[...] maior sistema fluvial do mundo, o majestoso Amazonas” (BRATCHER, 1935g, op. cit.), L. M. Bratcher informou aos leitores d’*O Jornal* que na Reunião Anual da CBB em 1935, ficou decidido que ele faria uma nova viagem pelo sertão, dessa vez para avaliar alguns pequenos trabalhos abertos e analisar a possibilidade da abertura de novas frentes missionárias. A princípio afirmou estar preocupado com o que lia e ouvia sobre a dificuldade de se locomover entre as diversas comunidades na densa floresta. O missionário acreditava ser muito difícil formar missões permanentes no local, uma vez que a região tinha sido retratada por literatos e estudiosos como “inferno verde”, local obscuro, de difícil acesso, que quando não matava os aventureiros, deixava-os loucos.

Ouvira essa frase muita vez. Lêra livros que diziam ter escrito sobre o assumpto. Descobriria então que muitos escriptos não eram mais do que o producto da imaginação fecunda de seus autores. Mas nem todos. Também deve ser levado em consideração o que disse o meu bom amigo, Commandante Braz de Aguiar, quando nos deu bemvidos ao Amazona, Disse ele: “Quero que o senhor goze sua viagem. Quero que o senhor goze o Amazonas. Mas isto dependerá de sua attitude. Se o sr. comprehender a unica cousa certa em relação ao Amazonas é a sua incerteza, então o sr. gozará a viagem. Deixe-me explicar-lhe o que estou dizendo. O sr. vae para Porto Velho. Dir-lhe-ei que o sr. será quasi que devorado vivo pelos mosquitos. Porém, em lá chegando, talvez que o sr. não encontre mosquitos. Então o sr. dirá que o commandante não disse a verdade. Mas digo-a. Esta foi a minha experiencia. Talvez que a sua seja outra”. Oh quantas vezes me lembrei dessas palavras, fruto da experiencia ao entrar no coração do Amazonas! quantas vezes verifiquei sua veracidade! O Amazonas é tão vasto; a sua formação tão variada; os seus modos tão mutáveis, que quasi qualquer cousa pode ser dita a seu respeito, e ter apparencia de verdade. Uma asserção pode contrariar absolutamente outra e ambas podem ser verdadeiras. Portanto o que escreverei sobre o coração do Amazonas, é da minha experiencia propria e não de outrem (BRATCHER, 1936a, p. 9, 10).



São interessantes as diferentes descrições acerca da Floresta Amazônica e os percalços para quem tentava entendê-la e decifrá-la. O que Bratcher lia e ouvia sobre a Amazônia eram discursos de literatos como Euclides da Cunha (S/D), que a descreveram como o “inferno verde”, no qual os indivíduos que não conheciam seus mistérios poderiam ficar loucos ou morrerem entediados. Era o local do “destempero da natureza”, do “desespero dos que por ela perambulavam” e da “violência como código de conduta” (GUILLEN, 1998). Guimarães Rosa descrevia o sertão amazônico como um purgatório. Lugar no qual os indivíduos poderiam pagar penitência e refletirem por horas sem ser incomodados, pois não haveria ninguém para fazê-lo. Seria o reino a ser desencantado e decifrado. Os que nativos ou os que para ali partiam eram tidos como violentos, preguiçosos, indolentes e incapazes de serem os responsáveis por escreverem a própria história (OLIVEIRA, 1998).

Getúlio Vargas também tinha percepções distintas acerca da região. Por um lado, o sertão amazônico era o local onde se encontrava a verdadeira brasilidade, onde as pessoas eram fortes, simples e honestas, ao contrário das grandes cidades, corrompidas por crimes e toda a sorte de males que a civilização era capaz de trazer. Por outro lado, era também o local do atraso, das pessoas menos inteligentes, da miscigenação, dos indígenas (pré-históricos) e dos “semi-civilizados”. Nesse caso, caberia ao Estado levar o progresso ao povo simples e honesto que até então só era usufruído pela população das cidades (Ibidem).

A Junta de Missões Nacionais procurou acompanhar o projeto do Estado de conquista do sertão e amparo dos sertanejos. Nesse sentido, mesmo com os supostos riscos que possivelmente iria enfrentar, em 19 de fevereiro de 1935, L. M. Bratcher partiu em direção ao extremo norte do país com o objetivo de traçar planos de inserção missionária na região.

O itinerário foi o seguinte: fui do Rio de Janeiro a Belém, num dos mais confortáveis navios da Costeira. De Belém e Manaus viajei num dos famosos “gaiolas” da *Amazon Rivel Steamship Co*. Essa parte da viagem foi das mais interessantes das que tenho realizado em minha vida. O Amazonas está sempre pleno de surpresas para o viajante que lá vai com boa disposição. De Manaus subi o rio Madeira, de novo num dos “gaiolas”, e fui ter em Porto Velho, o último porto sobre o Madeira (BRATCHER, 1935g, op. cit.).



Por falta de espaço para a edição de 29 de agosto de 1935, o itinerário da viagem continuou sendo narrado na edição de 05 de setembro de 1935. Bratcher relatou que de Porto Velho,

Levamos dois dias para fazer a viagem de trem até Guajará-Mirim, ponto terminal da Estrada, e também pequena cidade do vasto estado de Mato Grosso. De Guajará-Mirim passamos à Bolívia, fazendo ali a última parada de nossa viagem. De volta a Porto Velho embarcamos na lancha “Buffalo”, a excelente e confortável embarcação do irmão Nelson. Descemos o Madeira, escalando em muitos portos até que chegamos a Manaus. Subimos então o rio Solimões até o belo lago Manauiry. Voltando a Manaus descemos o Amazonas na lancha, visitando cidades e povoados até que aportamos em Santarém, a boca do Tapajós. De Santarém subimos o Tapajós até Fordlândia numa lancha do lugar. De volta a Santarém despedi-me de meus companheiros, embarcando para Belém num navio do Lloyd. De Belém regressei ao Rio de Janeiro noutro navio da Companhia Costeira (BRATCHER, 1935b, p, 7).

Segundo Bratcher, a viagem foi de grande importância para as pretensões da Junta de Missões Nacionais, uma vez que foi possível ficar a par de locais em potencial para receber missões batistas de caráter permanente. A viagem também se tornou uma cruzada de evangelização, na qual o missionário era convidado a fazer pregações nas comunidades que visitava, mas lamentava, pois os prosélitos feitos ao longo do caminho logo abandonavam o protestantismo, uma vez que a Amazônia possuía “tantas oportunidades e tão poucos obreiros para fazer o trabalho que deveria ser feito” (Ibidem).

A Amazônia era um local a ser conquistado pelos batistas. Após meses viajando por diferentes localidades, conhecendo diversas etnias indígenas, descobrindo comunidades quase isoladas de aventureiros que migravam a todo o instante para a região em busca de riqueza, ou ao menos uma terra fértil para trabalhar, Bratcher afirmou que a denominação não poderia deixar passar a oportunidade de levar a “Salvação da alma”, descrita por ele como a maior das riquezas que algum nativo, imigrante ou sertanejo poderia encontrar no interior da floresta.

Muitos haviam ido ao longínquo Amazonas. Havia ido em busca de riquezas e fortuna. Havia ido para poder juntar bens materiais que lhes tornassem mais confortável a vida. Havia ido sonhando o sonho das grandes riquezas que lhes pertenciam. Muitos deles nunca voltaram pois em vez de grandes riquezas acharam tumulos solitários.



Outros voltaram mas sem a fortuna de que sonharam. O Amazonas havia sido muito cauteloso em dispensar sua grande riqueza aos impetuosos exploradores. Ia á procura de riquezas, sim de riquezas muito mais preciosas do que as que constituíam o sonho daquelles. Ia á procura de Joias preciosas, as mais valiosas de todo o mundo. Ia procurá-las e prepará-las para adornar a corôa do mais maravilhoso rei do universo. Ia á procura de Joias para a Corôa do Mestre. Havia ido ao sertão (Ibidem).

Bratcher afirmou que voltou da viagem muito feliz, mas ao mesmo tempo preocupado se daria conta de uma “grande seara” onde poucos se dispunham a trabalhar. Dizia querer acreditar que os batistas no Brasil se importariam com a vida das pessoas do norte do país que iam “se perdendo em falsas doutrinas”, uma vez que não conheciam o cristianismo protestante. Concluiu o primeiro relatório com o seguinte questionamento:

Poderia eu trazer a mensagem de suas necessidades, de tal modo que os Baptistas Brasileiros ouvissem o apello que lhes deveria chegar daquelles corações tristes, perdidos na treva do peccado? [...] A maior parte dessas perguntas seria respondida pela salvação ou perdição das Joias preciosas, almas humanas, Joias para a Corôa do Mestre (Ibidem).

No segundo relatório, publicado nas páginas d’ *O Jornal Batista* em 26 de setembro de 1935, Bratcher descreveu sua viagem do Rio de Janeiro até Belém, enfatizando as paradas que o navio precisou fazer ao longo da costa para abastecimento de água e alimentos, embarque e desembarque de passageiros, abastecimento de algum tipo de carga, limpeza e despejo de lixos e dejetos etc. O navio estava lotado, com muita gente viajando de férias, a negócios, ou migrando para outras regiões. O missionário disse estar impressionado com “a presença de diversos padres e freiras a bordo [...]” (BRATCHER, 1935c, p. 9, 10). Não perdeu a oportunidade de criticar a postura dos sacerdotes católicos, uma vez que eles “[...] não hesitavam em participar do fumo e das bebedeiras” (Ibidem).

A primeira parada do navio foi na cidade de Salvador, Bahia. Bratcher teria ficado encantado com a cidade que conseguia misturar o novo e o velho. “Ao alto está a cidade velha e em baixo a cidade nova” (Ibidem). As igrejas, os casarões, a movimentação do comércio nas duas partes da capital baiana chamou a atenção do missionário. Porém, a beleza da cidade era contrastada com a “falta de cuidado



espiritual” por parte dos muitos religiosos ali presentes. Salvador contava com mais de trezentas Igrejas Católicas, as quais “[...] não tem dado atenção ao desenvolvimento espiritual do povo [...]” (Ibidem). Lamentava ainda o fato de a cidade possuir apenas quatro igrejas batistas para uma população de mais de 450 mil habitantes. A dificuldade aumentava pelo fato de “[...] somente um pastor brasileiro que consagra todo o seu tempo às igrejas da cidade” (Ibidem). A falta de missionários estaria, inclusive, atrapalhando o funcionamento do colégio que a denominação possuía na cidade.

A segunda parada foi em Maceió. Apesar dos poucos missionários existentes na cidade, Bratcher afirmou que o colégio “[...] situado num dos pontos mais elevados da cidade, próximo ao pharol [...] está fazendo óptimo trabalho” (Ibidem). A estadia na capital alagoana foi de menos de 24 horas. O missionário lamentou não ter conhecido as igrejas da denominação no local, mas se dizia satisfeito por ter visto o trabalho de educação em pleno funcionamento.

A terceira parada aconteceu em Recife. Pelo mau tempo que enfrentara ainda em Maceió, a viagem atrasou e o missionário não conseguiu cumprir todos os compromissos dos quais havia planejado. Mesmo assim, participou de um culto na Igreja Batista da Capunga, localizada na Ilha da Boa Vista, área central da cidade. Na referida congregação pregou “[...] á noite a um bom auditório [...] Como resultado, dois homens e uma senhora se declararam ao lado do Mestre. Já a colheita de almas começára. Já algumas pedras preciosas haviam sido encontradas para a Corôa do Mestre” (Ibidem).

Partindo do Recife, o navio aportou na cidade de Areia Branca, norte do Rio Grande do Norte, para realizar um carregamento de sal. Bratcher disse ter ficado pensativo com a situação de milhares de pessoas, inclusive missionários, que moravam em locais distantes e não tinham acesso a um bem tão básico para a alimentação e conservação de alimentos. Além disso, lamentava também o fato de em todo o estado do Rio Grande do Norte só contar com a presença de um missionário batista. Areia Branca possuía 750 mil habitantes. A capital, Natal, 42 mil. Tratava-se de uma grande “seara” a espera de “ceifeiros” para cultivá-la (Ibidem).



A parada seguinte aconteceu em Fortaleza. Ao descrever a importância da cidade para a política e para a religião católica no cenário nacional, Bratcher fez uma crítica aos batistas do Sul do país que não se interessavam em evangelizar o estado do Ceará. De lá partiam a maioria dos nordestinos que migravam para a Amazônia em busca de melhores condições de vida. O Ceará também foi o estado em que Vargas mostrou maior preocupação com as crises que a região enfrentou devido a seca do início dos anos de 1930. Além disso, foi no Ceará que surgiu uma das figuras mais importantes do catolicismo contemporâneo no Brasil, o Padre Cícero. A Igreja Católica, segundo Bratcher, organizou um “[...] partido político que conseguiu tomar as rédeas do governo. E estão fazendo tudo ao seu alcance, para impedir a disseminação do Evangelho de Jesus Cristo, nosso Salvador. Esse evangelho, em si mesmo, é-lhes o pior inimigo” (Ibidem). O estado possuía um milhão e setecentos mil habitantes, sendo 115 mil na capital.

Para o desenvolvimento espiritual deste grande Estado, os batistas têm um só trabalhador, e duas pequenas igrejas. Os membros destas igrejas tem appellado para a Missão Baptista, pedindo que para lá seja enviado um casal de missionários. Certamente que esses factos deveriam trazer novamente a nós a grande necessidade que ha de trabalhadores no norte do Brasil. Agora não estamos tratando do sertão, a respeito do qual alguém pudesse apresentar desculpas para lá não ir, mas de uma cidade moderna, num grande Estado, onde o trabalho chama os homens (Ibidem).

De Fortaleza o navio seguiu para São Luís, cidade na qual foi possível visitar alguns pequenos trabalhos. Havia apenas um pastor para todo o estado do Maranhão. Na capital, apenas uma igreja batista era a responsável pelo desenvolvimento missionário na cidade. Alguns colaboradores da JMN davam suporte na evangelização, mas não eram suficientes para a suposta demanda que o estado apresentava. Segundo Bratcher, os batistas da cidade estavam “[...] orando para que um casal de missionarios fosse enviado a S. Luiz, para tomar conta do trabalho alli. Certamente que as nossas orações se reunirão áquellas, até que o pedido seja atendido” (Ibidem). Saindo de São Luís, o navio partiu para Belém, pondo fim a primeira parte da viagem que o missionário iria realizar.

Em Belém foi necessário esperar quatro dias por um navio que o levasse a Manaus. O missionário pregou em três igrejas, “[...] e um jovem casal entregou-se ao Senhor”



(Ibidem). A chegada coincidiu com o carnaval, período no qual “[...] a igreja catholica tudo fazia para levar o povo ao Carnaval, para deste modo augmentar sua renda” (Ibidem). Após sua estadia na capital paraense, finalmente conseguiu seguir para Manaus. “Havia de ser uma viagem muito interessante como mais tarde verificamos” (Ibidem).

Na capital paraense havia quatro igrejas batistas, mas apenas um pastor para dirigi-las. Fora da capital, os batistas possuíam quatro congregações, as quais também eram lideradas por um único pastor. Segundo Bratcher,

A Junta Estadual tem pedido, e renovado o pedido, que uma familia de missionarios seja enviada a Belém, para auxiliar o trabalho. Sendo a porta natural de todo o valle do Amazonas, não há ponto mais estratégico no Brasil. Com uma boa lancha, milhares de pessoas poderiam ser trazidas em contacto com o Evangelho de nosso Senhor e Salvador Jesus Christo (Ibidem).

Na viagem de Belém a Manaus, Bratcher afirmou que estava maravilhado com o Rio Amazonas. Segundo o missionário, não havia palavras para descrever a grandiosidade daquela imensidão de águas. As aves avistadas às margens do rio eram observadas com cuidado. Garças, papagaios, periquitos, tucanos embelezavam aquilo que já era belo nas palavras do observador. As palafitas chamavam a atenção do olhar viajante. Eram feitas em cima de estacas com um nível bem acima das águas do rio para proteger das enchentes. Em todas as casas havia uma canoa, sem a qual os moradores não tinham comunicação com outras comunidades. As paradas para abastecer o combustível dos navios (lenha) duravam sete horas em alguns casos. A lentidão com que o abastecimento se dava também foi observada. “O tempo é a maior commodidade do Amazonas e não havia pressa” (BRATCHER, 1935f, p. 9, 10). O ritmo desenfreado da capital federal, bem como das cidades norte-americanas das quais estava acostumado gerava um choque cultural a alguém que estava ali pela primeira vez. O povo vivia “[...] sem medicos, collegios ou qualquer cuidado espiritual. Que maravilhosos trabalho um medico crente e um pastor poderiam fazer entre elles, com uma lancha [...] Tornar-se-á algum dia uma realidade gloriosa? perguntamos a nós mesmos” (Ibidem).

Perigos da viagem também eram relatados. Por horas não se via nenhum sinal de presença humana ao longo de quilômetros. Bratcher ficou se perguntando o que seria dos tripulantes caso precisassem de ajuda em terra firme. O navio parou em Santarém para embarque e desembarque. O missionário aproveitou para encontrar o pastor Emygídio Bento Alves que desenvolvia um pequeno trabalho na região. Como o navio passou pouco tempo na cidade, não foi possível tomar nota do andamento do missionarismo que ali se desenvolvia (Ibidem).

A embarcação seguiu para Manaus e a viagem continuava com seus mistérios e descobrimentos, todos anotados “de forma minuciosa”. Bratcher dizia não querer perder nenhum detalhe. Dois eventos chamaram a atenção do missionário quando a embarcação se aproximou do estado do Amazonas. O primeiro foi quando o navio foi abastecido por uma carga de gados, causando enorme curiosidade em todos os tripulantes. O segundo foi o embarque de vários índios em Urucará. Segundo Bratcher, as pessoas se sentiam horrorizada pelo fato de muitos terem embarcado sem roupas. Alguns usavam apenas tangas. O missionário ouviu de moradores “civilizados” do Amazonas que tais silvícolas eram perversos, ladrões e difíceis de lidar com quem não era índio (Ibidem).

Depois de dias viajando de Belém a Manaus, Bratcher foi recepcionado pelo “apóstolo do Amazonas”, o missionário Nelson, “[...] com seus 72 anos de idade, dos quais 43 gastos no Amazonas [...] Em breve estávamos no lar do missionário, e compenetrados de que éramos realmente bem-vindos. Finalmente estávamos em Manaus, a capital do Amazonas” (Ibidem).

É interessante perceber que os viajantes, a exemplo de L. M. Bratcher são encontrados em uma espécie de zona de contato na qual culturas distintas são modificadas e entrelaçadas a partir do momento em que a interação produz novos sentidos e significados para os envolvidos. Mesmo passando pouco tempo nas cidades durante o percurso Rio de Janeiro/Manaus, Bratcher dava significados ou mesmo resignificava culturas, hábitos, valores e crenças que observava a partir da sua “lente” de missionário protestante batista norte-americano, que estava a serviço de uma instituição brasileira, com interesses de expansão de uma corrente religiosa específica para o interior, acompanhando, mesmo que não alinhado oficialmente, um



projeto governamental liderado pelo então presidente da nação. Segundo Eliane Moura da Silva, “conforme as comparações entre as diferenças vão sendo nomeadas, representadas e dadas a ler [...] viajantes em geral [...] adotam posturas e assumem posições com o objetivo de despertar, influenciar, transformar [...]” (SILVA, 2013, p. 37). Em boa parte dos casos, os viajantes, e nesse caso específico, missionários protestantes, acabaram profundamente modificados em suas concepções e visões de mundo. É interessante que, muitos desses viajantes/missionários se colocavam na posição de superioridade cultural em relação aos nativos. Os países ou cidades natais desses aventureiro-desbravadores foram descritas como o ideal a ser implantado nas regiões visitadas, principalmente quando havia a pretensão de colonizar/evangelizar (Ibidem).

O tempo que ficou hospedado em Manaus foi de análise dos trabalhos até então realizados, bem como de planejamento e expectativa para a ampliação de novas frentes. Bratcher aproveitou para tomar notas com o missionário Eurico Nelson sobre as supostas necessidades espirituais do povo da região. Manaus foi descrita como uma cidade moderna, com ruas largas, povo hospitaleiro, trabalhador, honesto e “carente do Evangelho”. Pregou na Primeira e na Segunda Igreja Batista da cidade, em séries de conferências organizadas pelas duas congregações. Nas mensagens versava sobre arrependimento, vida após a morte, expansão missionária e, principalmente, avivamento (BRATCHER, 1935h, p. 11, 12).

O avivamento, um dos pontos mais enfatizados por Bratcher durante estadia em Manaus, era um termo recorrente nos discursos dos missionários norte-americanos quando esses desejavam falar sobre a importância do crescimento das missões e da busca por “amadurecimento espiritual”. Na visita a Manaus, afirmou que os crentes da cidade precisavam urgentemente de um avivamento, pois só assim as missões que planejava implantar em diversos pontos da floresta colheriam os frutos almejados (Ibidem). Em um relato sobre uma das noites em que pregou na cidade, fez a seguinte descrição:

No culto noturno todos pareciam esperar uma benção especial. Nunca senti o poder do Espírito Santo mais fortemente do que naquela reunião. Estava tão manifesto que tive a muita liberdade em apresentar a mensagem. O assumpto foi, “Seja Feita a Tua Vontade”.



A principio appellei para os crentes, para que reconsagrassem no trabalho do Mestre. Dei um convite nesse sentido. O resultado foi dos melhores que tenho presenciado. Perto da totalidade dos membros da igreja veiu á frente [...] Depois que os crentes tinham vindo, dei o convite aos não crentes. Onze vieram e muitos delles já foram baptizados. Havia lagrimas de alegria e contentamento nos rostos de muitos. De facto estavamos tendo uma colheita alegre [...] O reavivamento continua a crescer e muitos eram levados ao Salvador. Outros que estavam fora da Igreja voltavam, e nossa colheita continuava (Ibidem).

Percebe-se na citação acima que, na concepção de L. M. Bratcher, o avivamento tinha uma ligação direta com conversões, compromisso com o trabalho evangelístico, emoções sentidas no momento das reuniões e submissão à divindade cultuada. Todos esses pontos possuíam um objetivo em comum: o sucesso missionário. Nesse sentido, é interessante descrever como “os avivamentos” marcaram o protestantismo norte-americano, do qual o missionário era oriundo, e como essa ideia foi transplantada para as missões abertas em diferentes épocas e países ao redor do mundo.

Segundo Alderi Souza de Matos, a história do protestantismo norte-americano é marcada por grandes avivamentos, os quais são tidos como os principais responsáveis pela expansão da fé evangélica, primeiramente nos Estados Unidos e, posteriormente pelo mundo. Esses movimentos teriam começado já com a chegada dos primeiros imigrantes ingleses (boa parte deles puritanos) ainda no século XVII. Os puritanos pregavam um protestantismo de conversão, no qual o indivíduo teria que reconhecer-se como pecador, mostrar arrependimento, e levar uma vida de acordo com os princípios que acreditavam ser divinos. Essa fase inicial da história protestante norte-americana foi marcada por uma intensidade religiosa, uma espécie de contínuo avivamento. Com o passar do tempo, esse fervor espiritual foi diminuindo, e o movimento espiritual puritano foi perdendo força. São apontadas como causa desse esfriamento, as prosperidades econômica e cultural atingida pelas colônias. As pessoas aos poucos foram perdendo o interesse pela intensidade religiosa dos primeiros puritanos (MATOS, S/D).

Anos mais tarde, com a chegada de calvinistas da Escócia e da Irlanda na colônia de Nova Jersey entre o final do século XVII e início do século XVIII, o movimento ganhou



fôlego novamente. Dentre esses calvinistas destacaram-se Theodore J. Frelinghuysen (1691-1747) e Gilbert Tennent (1703-1764), os quais são tidos como ícones daquilo que ficou conhecido como *O Primeiro Despertamento* (movimento responsável pela expansão evangélica entre as colônias, bem como por um novo despertar espiritual). Porém, foi na Nova Inglaterra que ocorreram os maiores avivamentos dessa primeira fase do *Grande Despertamento* nos Estados Unidos. Dois nomes se destacaram nesse período. O primeiro foi Jonathan Edwards (1703-1758). O referido pastor, diferente dos primeiros avivalistas norte-americanos, pregava a justificação pela fé, na qual os seres humanos não podiam fazer nada para alcançarem a salvação. Ela só podia vir através da graça de Deus. Era Ele quem escolhia aqueles que deveriam ser salvos ou condenados (MATTOS, 2006). O segundo foi o pregador inglês George Whitefield (1714-1770), que em 1740 fez uma turnê evangelística em várias colônias tendo encerrado justamente na Nova Inglaterra. Suas pregações atraíam multidões. Os mais entusiastas falavam em aglomerações de mais de oito mil pessoas dispostas a ouvi-lo (RYLE, 1978). Após uma fase de suposto progresso quase que ininterrupto, novamente os avivamentos entraram em declínio, tendo dessa vez como o principal responsável a Revolução Americana, e a consequente Independência no dia 04 de julho de 1776.

Passado o período revolucionário, teve início o *Segundo Despertamento* por volta de 1800. Esse novo *Despertamento* se diferenciou do primeiro por duas razões. No anterior, os principais responsáveis foram os presbiterianos e congregacionais. O segundo atingiu todas as denominações protestantes presentes nos Estados Unidos, especialmente os metodistas e os batistas. Outra diferença entre os dois *Despertamentos* diz respeito a sua teologia. Enquanto que no primeiro a base era calvinista (salvação como escolha exclusiva de Deus) o segundo a base era arminiana (salvação dependia também do arrependimento humano) (MATTOS, op. cit.).

O avivamento espiritual gerado nesse *Segundo Despertamento* é tido por teólogos e historiadores do protestantismo como o principal responsável pela expansão missionária protestante norte-americana ao redor do mundo. Foi nesse período que metodistas e batistas se tornaram as maiores denominações evangélicas dos Estados Unidos. No bojo do Destino Manifesto, no qual se propagava que os Estados Unidos



seria o país responsável por evangelizar e civilizar toda a América, batistas e metodistas sentiram-se responsáveis pela propagação da fé protestante fora do seu país (ALMEIDA, 2001).

Durante o *Terceiro Despertamento* (iniciado no final da década de 1850) as missões protestantes norte-americanas passaram demonstrar interesse em expandir a fé evangélica no Brasil, principalmente após a Guerra de Secessão (1861-1865). Além da questão espiritual, essa terceira onda de *Despertamento* com um tom avivalista, teve um forte apelo social. Os protestantes perceberam que a expansão da fé deveria vir acompanhada de assistência aos necessitados. Daí a grande quantidade de escolas, hospitais, orfanatos e asilos construídos nos locais por onde estabeleceram sua fé (AHLSTROM, 1972).

O avivalismo tornou-se uma marca das igrejas protestantes norte-americanas até a primeira metade do século XX. Centenas de pessoas concentravam-se para ouvir pregadores falar sobre salvação, arrependimento e evangelização. A vida dos missionários batistas para o Brasil esteve inserida nesse contexto. Daí a insistência de L. M. Bratcher com o assunto em seus sermões pregados ao longo de suas viagens missionárias. Parece que a estratégia deu resultado, uma vez que a conclusão do relatório revelava que “havia sido um Alegre tempo de Colheita e louvavamos o mestre por ter permitido o que vimos. Si nada mais fôra feito a ida ao Amazonas valeria para isto e sentir-nos-íamos pela longa jornada” (BRATCHER, 1935h, op. cit.)

Após o período de evangelização e avivamento em Manaus, Bratcher seguiu para Porto Velho no navio Tupy, “[...] um vaporzinho limpo, e que tanto a tripulação como os passageiros eram muito cordeaes [...]” (BRATCHER, 1935e, p. 10, 11). No caminho continuou a observar as belezas naturais da imensa floresta. O rio Madeira lhe encantou assim como ocorrera com o Amazonas. Os perigos também eram relatados. Havia a possibilidade de a embarcação ficar encalhada por mais de um ano, caso o comandante não aproveitasse o momento de cheia para acelerar a viagem. Houve uma parada em uma pequena cidade chamada Borba para abastecimento do combustível. Bratcher chegou a relatar que um enxame de insetos invadiu o navio provocando pânico em muitos passageiros que não sabia do que se tratava.



“Felizmente elles não me ferroaram nem me morderam, de maneira que sua visita foi apenas desagradavel, por causa do grande número” (Ibidem).

Bratcher visitou alguns seringais que haviam sido abandonados desde 1910, devido à queda na produção da borracha a partir daquele ano. Percebeu que “[...] o tempo do dinheiro fácil já passou” (Ibidem), uma vez que não se via mais a prosperidade gerada pela borracha, que era propagada em veículos de imprensa para todo o país. Passaram no povoado de Manicoré. “Muitas vezes o irmão Nelson foi apedrejado ali, mas isso era no passado como soubemos na descida do rio” (Ibidem). No caminho, em algumas paradas que o navio precisava fazer, ouvia notícias de missionários que tentavam de alguma forma evangelizar os sertanejos ali presentes. As notícias eram das mais diversas. Em todas o missionário concluía que a JMN deveria investir recursos humanos e financeiros na evangelização dos moradores da região.

Porto Velho surpreendeu Bratcher por ser uma cidade que possuía

[...] luz eletrica, agua corrente, padarias, fabrica de gelo e outros confortos modernos [...] Havia um hospital e uma drogaria, onde são encontrados remedios que se vendem nos logares mais proximos á costa. Um novo e moderno edificio da escola publica esta sendo construído. Uma grande serraria, as officinas da Estrada e estação dão emprego a muita gente (Ibidem).

Porém, diante de toda a modernidade encontrada na cidade havia um lamento conhecido nas palavras do missionário. A cidade possuía apenas uma igreja batista, o que era considerado insuficiente para as pretensões da JMN. Segundo Bratcher, “[...] si um trabalhador pudesse ser colocado no logar, seria possivel fazer um bom trabalho. Mais uma vez o clamor de necessidade do Amazonas veio aos nossos corações, enquanto trabalhavamos em meio áquella gente” (Ibidem).

Bratcher realizou pregações e evangelismos pelas ruas de Porto Velho. Sua estadia na cidade não foi muito longa, uma vez que precisou se apressar para pegar o trem em direção a Guajará-mirim. Com a queda na produção da borracha, as viagens que chegavam a mais de uma por dia foram reduzidas a apenas uma por semana. “Outra parte de nossa longa jornada estava finda” (Ibidem).



A viagem até Guajará-mirim levou dois dias para ser completada. Bratcher relatava com espanto e admiração o tamanho da densa floresta que precisou enfrentar até chegar ao seu destino final. Percebia que havia diversos povoados de índios e sertanejos que viviam isolados sem acesso a escolas, hospitais, energia elétrica, e, é claro, uma missão protestante. Em seus escritos, o missionário se dizia constantemente preocupado com a situação daquelas pessoas. Ao contrário dos que viviam em Porto Velho, Manaus e Belém, os sertanejos que encontrava isolados não se “sentiam o prazer” dos “benefícios da modernidade”. Ao chegar ao seu destino, Bratcher visitou as obras de uma estrada que ligaria Guajará-mirim a Cuiabá. A construção estava sendo realizada por soldados do Exército. “Era deveras interessante ver como cortavam a densa floresta, para levar adiante a tarefa. Estes são os homens que estão fazendo o Brasil do futuro” (BRATCHER, 1936a, op. cit.).

Na visita a Guajará-mirim, Bratcher percebeu que o local seria um ponto estratégico se para a inserção missionária entre os que viviam isolados na densa floresta. A proximidade com a Bolívia também parecia agradar ao missionário. Em seus relatos, afirmava que os trabalhadores, bem como a população local, os receberam com cordialidade e que desejavam ter uma frente missionária no local. O problema da região, segundo o diretor das obras, eram os índios que estavam descontentes com a construção da estrada. Dizia para o missionário ter cuidado, pois a todo o momento pessoas eram mortas em emboscadas feitas pelos silvícolas (Ibidem).

O trabalho missionário em Guajará-mirim foi descrito como frutífero. “Os crentes estavam mui gratos por nossa visita [...]” (BRATCHER, 1936b, p. 10). Segundo Bratcher, os cultos realizados entre os trabalhadores e na pequena igreja da cidade tinham “boa frequência” e as pessoas se mostravam interessadas com o conteúdo das mensagens e com as músicas cantadas. Lamentava o fato de não haver um missionário na cidade para desenvolver um trabalho missionário entre aquela população.

Si um bom homem pudesse ser colocado em Guajará-mirim, estou certo de que muitas joias preciosas seriam encontradas para a Corôa do Mestre. A mineração e o preparo seriam difíceis, mas os resultados seriam gloriosos. Ao olharmos as physionomias de nosso auditorio naquela noite, perguntamos quando teriam elles alguém para os guiar no trabalho do Mestre (Ibidem).



Críticas à Igreja Católica foram feitas quando Bratcher acusou a instituição de estar degradando moralmente os indígenas da região. Segundo o missionário, muitos nativos não teriam ido aos cultos por ele dirigidos porque o padre da cidade os havia proibido. “Algumas joias estavam sendo conquistadas para a Corôa do Mestre, do contrario, o inimigo do Evangelho verdadeiro, não estaria tão furioso” (Ibidem). Depois de uma semana de pregação e análise sobre a possibilidade de expansão missionária na cidade, Bratcher voltou a Porto Velho aproveitando o trem que havia chegado, pois o próximo só viria uma semana depois. Deixou um recado aos investidores das missões: “A nossa tarefa de garimpeiro em Guajará-Mirim, havia provado que outra mina apenas guardava a ida dos mineiros” (Ibidem).

A partir daquele momento, L. M. Bratcher deixou de publicar nas páginas d’ *O Jornal Batista* os relatos da viagem que realizou em 1935. As atas de reuniões da CBB ou da JMN também não trouxeram informações a respeito do que o missionário viu e ouviu no trajeto de volta até o Rio de Janeiro. Porém, quase dois anos após o fim da viagem, o periódico da denominação fez questão de publicar que o número de igrejas, bem como o de missionários, teria crescido na região como mostra a lista a seguir:

Igreja Batista de Catuá. Aos cuidados do Pastor Pedro Braga. – Coary, Rio Solimões, Estado do Amazonas. – Igreja Batista de Codajás. Codajás. Rio Solimões, Estado do Amazonas – Igreja Batista de Coary. Aos cuidados do Pastor Pedro Braga. Coary, Rio Solimões, Estado do Amazonas. – Igreja Batista de Copeá. – Boa Fé, Rio Copeá. Aos cuidados do Pastor Pedro Braga. Coary, Rio Solimões, Estado do Amazonas. – Igreja Batista de Cruzeiro do Sul. Aos cuidados de Zuca Vasconcellos. Cruzeiro do Sul. – Territorio do Acre. – Igreja Batista de Manso Lima. Aos cuidados de Zuca Vasconcellos. Cruzeiro do Sul. – Territorio do Acre. – Igreja Batista de Manacapuru. Aos cuidados de Lazaro Reis. Manacapuru. Rio Solimões. Estado do Amazonas. – Igreja Batista de Itacoatiara. Aos cuidados do Pastor Firmiano Silva. Itacoatiara, Baixo Amazonas. – Estado do Amazonas. – Igreja Batista de Esperança. Municipio de Benjamim Constant. Aos cuidados de João Cruz Coelho. Ou da professora Graziela Corrêa de Oliveira. Esperança, Estado do Amazonas. – Igreja Batista de Guajará-Mirim. (1) Guajará-Mirim. Via Rio Madeira (Amazonas) Estado do Amazonas. – Igreja Batista de Manaquery. Aos cuidados de D^a Euclidia Carvalho. Caixa Postal, 84-A. Manáos – Estado do Amazonas. – Igreja Batista de Berury. Aos cuidados da Primeira Igreja. Caixa Postal 84-A, Manáos – Estado do Amazonas. – Igreja Batista de Atininga. Aos cuidados de Evergisto França. Via Manicoré, Rio Madeira. Estado do Amazonas. – Igreja Batista de Porto Velho.. Aos cuidados de Carlos Shockness. Porto Velho, Rio Madeira. Estado do Amazonas. – Igreja Batista de



Sampaio. Aos cuidados do Pastor Firmiano Silva. Itacoatiara, Baixa do Amazonas – Estado do Amazonas. - 2ª Igreja Baptista da Capital. Rua dos Andradas, nº 1. Manáos – Estado do Amazonas. – Primeira Igreja Baptista de Manáos, Caixa Postal, 84-A. Manáos – Estado do Amazonas. – Congregação de Parintins. (2) Aos cuidados de Dª Natalia Rodrigues de Albuquerque. Parintins, Baixo Amazonas. (1) Igreja no Estado de Mato-Grosso que coopera com a nossa Convenção Baptista do Amazonas e Acre. (2) Uma congregação bem forte, quasi Igreja. Já está desejava de contribuir para os fins denominacionais (OLIVEIRA, 1937, p. 15).

Essa foi a terceira viagem de L. M. Bratcher pelo interior do país, desde que a JMN decidiu que os habitantes do interior seriam a prioridade para o processo de consolidação do projeto Pátria para Cristo. Antes disso o missionário havia realizado viagens em 1925 e 1931 que resultaram na implantação de missões entre os indígenas no então norte de Goiás, hoje Tocantins (SILVA, 2017). A escolha do Amazonas foi estratégica. A região, que devido à queda na produção da borracha havia sido ignorada por presidentes desde a década de 1910, foi tida por Getúlio Vargas como lugar ideal para amenizar a situação de crise em que se encontravam diversos povos do interior, principalmente sertanejos nordestinos que sofriam com a seca. O “inferno verde” seria transformado em “paraíso” pelo então presidente. A CBB, por sua vez, procurou mostrar aos leitores, membros da denominação ou simpatizantes da causa missionária, que aquele seria o momento oportuno para que as fronteiras da evangelização protestante fossem alargadas no extremo norte do país (SILVA, 2016, op. cit).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se objetivou ao longo do presente artigo foi a exposição e análise dos discursos escritos e divulgados por L. M. Bratcher ao longo da sua viagem realizada em 1935 em direção à Floresta Amazônica, quase que instantaneamente, nas páginas d’*O Jornal Batista*. Os relatos precisavam estar alinhados com os projetos governamentais, com o que pensava as demais lideranças da CBB, bem como de pastores e membros das diversas igrejas batistas espalhadas pelo país que tinham acesso ao periódico, ou mesmo que ouvia falar daquilo que a JMN estava se propondo a realizar. Bratcher ainda fez uma viagem em 1939 e também divulgou seus relatos nas páginas d’*O Jornal*. Após essa segunda viagem, as lideranças da CBB decidiram



abrir campos missionários nas diversas regiões que compunham a Floresta Amazônica, acompanhando o projeto de Getúlio Vargas de expansão das fronteiras e de exploração da borracha, projeto esse que tinha como objetivos resolver os problemas enfrentados pelos nordestinos com a seca e contribuir com os *Aliados* no conflito que havia sido deflagrado na Europa no ano de 1939, a Segunda Guerra Mundial (GUILLEN, 2006).

REFERÊNCIAS

ADAMOVICZ, Anna Lúcia Collyer. **Imprensa protestante na Primeira República - evangelismo, informação e produção cultural: O Jornal Batista (1901 – 1922)**. 2008. 432 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Doutorado em História, 2008.

_____. Imprensa Protestante na Primeira República: O Jornal Batista - 1901-1922. In: XVII Encontro Regional de História – O lugar da História, ANPUH – SP, 2001, Campinas, **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2004. pp.1 – 8, p. 2.

AHLSTROM, Sydney E. **A Religious History of the American People**. Londres: Yale University Press, 1972.

ALMEIDA, Vasni de. A Igreja Metodista do Brasil. In.: ALMEIDA, Vasni de; SANTOS, Lyndon Araújo dos; SILVA, Elizete da. (Org). **Fiel é a palavra: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2001.

BRATCHER, L. M. Em águas do Amazonas: mais joias para a Corôa do Mestre – nº 1. O início da viagem. **O Jornal Batista**, Rio de Janeiro, 29 ago. 1935a. p. 12.

_____. Em águas do Amazonas: mais joias para a Corôa do Mestre – nº 6. No coração do Amazonas. **O Jornal Batista**, Rio de Janeiro, 09 jan. 1936a. p. 9, 10.

_____. Em águas do Amazonas: mais joias para a Corôa do Mestre (continuação). **O Jornal Batista**, Rio de Janeiro, 05 set. 1935b. p. 7.

_____. Em águas do Amazonas: mais joias para a Corôa do Mestre – nº 2. Até Belém. **O Jornal Batista**, Rio de Janeiro, 26 set. 1935c. p. 9, 10.

_____. Em águas do Amazonas: mais joias para a Corôa do Mestre – nº 5. No Rio Madeira. **O Jornal Batista**, Rio de Janeiro, 19 dez. 1935d. p. 10, 11.

_____. Em águas do Amazonas: mais joias para a Corôa do Mestre – nº 5. No Rio Madeira (conclusão). **O Jornal Batista**, Rio de Janeiro, 19 dez. 1935e. p. 8, 9.

_____. Em águas do Amazonas: mais joias para a Corôa do Mestre – nº 7. Garimpando em Gajará-Mirim (continuação do nº anterior). **O Jornal Batista**, Rio de Janeiro, 26 mar. 1936b. p. 10.

_____. Em águas do Amazonas: mais joias para a Corôa do Mestre – nº 3. A bordo de um gaiola. **O Jornal Batista**, Rio de Janeiro, 17 out. 1935f. p. 9, 10.



- _____. Em viagem. **O Jornal Baptista**, Rio de Janeiro, 29 ago. 1935g. p. 12.
- _____. Nas aguas amazonicas: mais joias para a Corôa do Mestre – nº 4. o alegre tempo da colheita. **O Jornal Baptista**, Rio de Janeiro, 31 out. 1935h. p. 11, 12.
- _____. O trabalho da Junta de Missões Nacionaes no presente e no futuro. **O Jornal Baptista**, 14 set. 1933. p. 7.
- _____. Voltando ao sertão – em Porto Nacional. **O Jornal Baptista**, Rio de Janeiro, 22 jun. 1932. p. 6, 7.
- _____. Voltando ao sertão: mais joias para a corôa do Mestre. **O Jornal Baptista**, Rio de Janeiro, 05 nov. 1931. p. 11, 12.
- CUNHA, Euclides. **A margem da história**. São Francisco Pará de Minas (MG): Editora Virtualbooks, S/D.
- FEITOSA, José Alves. **Breve História dos Batistas do Brasil: memórias**. Rio de Janeiro: Editora Souza Marques, 1978.
- GUILLEN, Isabel Cristina Martins. A luta pela terra nos sertões de Mato Grosso. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 12, pp. 148-168, 1999. p. 148.
- _____. A Selva: apropriações simbólicas e representações do seringal na literatura amazônica. **Caderno de Estudos Sociais**, Recife, v. 14, n. 2, p. 305-314, 1998.
- _____. **Errantes da Selva**. Recife: Editora da UFPE, 2006.
- LEÃO, Benício. A evangelização da Amazonia. **O Jornal Baptista**, Rio de Janeiro, 18 fev. 1932. p. 6.
- LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Aragarças: a cidade encantada no sertão de Goiás. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 13, p. 65 – 87, 2000.
- LOBO, Valdir. O Brasil e os batistas brasileiros. **O Jornal Baptista**, Rio de Janeiro, 10 mar. 1938. p. 11.
- MATOS, Alderi Souza de. **Os avivamentos norte-americanos**. S/D. Disponível em: http://portuguese.thirdmill.org/files/portuguese/35260~11_1_01_10-22-22_AM~Os_Avivamentos_Norte.html. Acesso em: 22/08/2014.
- MATTOS, Luiz Roberto França de. **Jonathan Edwards e o avivamento brasileiro**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro (Orgs). **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- NEVES, Frederico de Castro. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 40, pp. 107-131, 2001.
- OLIVEIRA, A. Antunes. Estado do Amazonas e território do Acre. **O Jornal Baptista**, Rio de Janeiro, 01 dez. 1938. p. 10, 11.



_____. Amazonas: novas igrejas e novos endereços. **O Jornal Baptista**, Rio de Janeiro, 18 nov. 1937. p. 15.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 195-215, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998. p. 30, 31.

PEREIRA, José dos Reis. **História dos batistas no Brasil (1882-2001)**. 3. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. p. 135.

REINAUX, Micheline. *A gênese da editoração protestante no Brasil: o circuito de difusão das publicações (1830-1920)*. **CLIO – Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, n. 30.2, p. 1-29, 2013

_____. Imprensa e protestantismo no Brasil. **Projeto História**, São Paulo, n., 3, pp. 337-345, 2007.

RYLE, J. C. **Christian Leaders of 18th. Century**. Edimburgo/Pensilvania: The Banner of Truth Trust, 1978.

SILVA, Eliane Moura da. Viajantes e Missionárias Protestantes Norte-Americanas: narrativas e alteridades na segunda metade do século XIX. In: DIETRICH, Ana Maria; MOURA, Carlos André Silva de.; SILVA, Eliane Moura da (Orgs). **Viajantes, missionários e imigrantes: a história em movimento**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2013. pp. 35-51. p. 37.

_____. *Viajantes e Missionárias: gênero e religião entre as protestantes norte-americanas no Brasil (1870-1920)*. 160f. 2010. Tese (Livre-Docência) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Livre-Docência, 2010.

SILVA, Paulo Julião da. “O apóstolo do sertão”. L. M. Bratcher e o início da expansão batista para o Brasil Central. **Lusitania Sacra**, Lisboa, Tomo 35 (Janeiro – Julho 2017), p. 119-144, 2017.

_____. **Entre a evangelização e a política**: a expansão missionária batista para o Brasil Central. 191 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Doutorado em História, 2016.

SOBRINHO, Arthur Ribeiro. Campo sertanejo: Igreja B. da Cidade da Barra – Bahia. **O Jornal Baptista**, Rio de Janeiro, 02 fev. 1933. p. 13.

SOUZA, Edilson Soares de. **Diálogos (re) velados**: a trajetória e os discursos político-doutrinários dos batistas brasileiros (1974-1985). 173 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Mestrado em História. Curitiba, 2008.

VIEGAS, Antonio A. Campo sertanejo. **O Jornal Baptista**, Rio de Janeiro, 23 mar. 1933. p. 13.

